

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA**

**ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ALUNOS DA TERRA INDÍGENA  
TAUNAY-IPEGUE NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

**MARCIENE FLORES ELOY**

**AQUIDAUANA – MS**

**2023**

DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ALUNOS DA TERRA INDÌGENA  
TAUNAY-IPEGUE NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Atividades de conclusão de curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras da Universidade  
Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos  
requisitos para obtenção do título de Licenciado em  
Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Samuel de  
Souza Silva.

AQUIDAUANA – MS

2023

# **DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ALUNOS DA TERRA INDÍGENA TAUNAY- IPEGUE NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19**

## **RESUMO**

A pandemia de COVID-19 evidenciou profundas mudanças nas relações entre espaço, tempo e doenças infecciosas. Toda a população mundial teve que seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde quanto ao distanciamento social, e assim a quarentena teve que ser instalada devido a rápida transmissão do vírus, sendo essa a única forma de preservar as vidas da população. Quanto à Educação, indígena objeto deste estudo, decretou-se o fechamento das escolas, suspendendo as aulas presenciais, substituindo por aulas remotas. Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, e tem por objetivo relatar as principais dificuldades dos alunos diante do ensino remoto durante o período da pandemia do COVID-19. Pelos resultados apurados, os alunos da escola indígena Feliciano Pio, da aldeia Taunay-Ipegue, indicaram que, por conta do distanciamento social, adaptaram-se ao ensino remoto com os poucos recursos disponíveis, e que tiveram muitos desafios no uso de recursos digitais durante o período pandêmico. Conclui-se que ainda existem muitos obstáculos na implantação de ensino remoto, sendo que deve ser um processo contínuo de melhoria da Educação, numa forma democrática de direitos.

**Palavras-chave:** Covid-19. Pandemia. Ensino remoto. Educação.

## **INTRODUÇÃO**

A comunidade Indígena da Aldeia Ipegue está localizada a 70 km do município de Aquidauana, no distrito de Taunay, todos indígenas da etnia terena. Próxima ao município de Aquidauana, tem aproximadamente 1.130 habitantes, com jovens, adultos e crianças.

Os Terena de Taunay-Ipegue praticam regularmente a caça e a pesca. A dependência de muitas famílias da madeira como fonte de energia é o fator responsável pela manutenção de importantes reservas florestais. O trabalho temporário fora (“changa”), nas suas diversas modalidades, é uma importante saída para a pressão social resultante da superpopulação da zona (FUNAI, 2023).

Com a crise causada pelo novo corona vírus, no ano de 2020, muitas atividades de rotina sofreram mudanças. Sendo assim toda a população mundial teve que seguir recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) de distanciamento social, e assim o mundo teve que entrar em quarentena devido à transmissão do vírus, sendo que isso era a única prevenção no momento.

A Medida Provisória - MP n. 934 de 1º de abril de 2020 (BRASIL, 2020) ditou as medidas de enfrentamento à pandemia de COVID-19, estabelecendo as normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior no âmbito educacional, sendo:

Art. 1º: O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino (BRASIL, 2020).

As mudanças ocorridas na rotina da educação escolar indígena, quanto ao enfrentamento da pandemia não foram diferentes. A pandemia da Covid-19 mudou a forma de ver o mundo, mudou coisas que antes eram comuns, como festas ou eventos, criando hábitos de higiene mais específicos, e cuidado consigo e com o outro. De maneira que foi preciso se reinventar e se adaptar ao mundo tecnológico para conseguir acompanhar os estudos, e outros seguimentos da sociedade, como por exemplo, entregas por *delivery* (cujos pedidos eram realizados por aplicativos de celular). A pandemia alterou repentinamente todos os setores que não tinham ativamente atividades ligadas ao meio digital, que tiveram que se adaptar para minimizar os impactos gerados.

A pandemia da Covid-19 mudou tudo, a forma de ensinar, de aprender, de planejar, as formas de se relacionar, obrigando a todos se reinventarem. Para proteger a saúde e a vida, decretou-se o fechamento das escolas e a suspensão das aulas. Essas recomendações foram baseadas em órgãos de vigilância sanitária nacionais e internacionais, com objetivos de frear o contágio da pandemia.

Com isso, foi vivenciado momentos de incertezas e mudanças de políticas educacionais, onde foram perdidos recursos relacionados ao controle, vigilância, valorização de profissionais da educação, e infraestrutura das escolas.

Para Senhoras (2020), na educação, o maior impacto foi tanto a falta de trilhas de aprendizagem alternativa à distância, quanto das lacunas de acessibilidade de professores e alunos a Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para promoção do Ensino à Distância (EAD).

Este assunto será abordado amplamente neste estudo, cujo problema apontado é: “Quais as principais dificuldades dos alunos da Aldeia Ipegue em relação ao ensino remoto?”. Para responder a esse questionamento, utilizou-se uma análise qualitativa de um levantamento de dados através de um questionário aplicado pelo aplicativo *Google Forms*, com 16 alunos

do 6º ao 9º ano da rede pública do ensino da escola municipal Indígena Feliciano Pio, localizada, no município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul.

Em resposta à questão levantada, este estudo tem por objetivo mostrar as dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação indígenas em relação ao ensino remoto durante o período pandêmico.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A pandemia do Covid-19**

O Corona vírus é vírus RNA com ampla distribuição entre humanos, sendo que na microscopia eletrônica, estes vírus apresentam-se como círculos, com espículas que terminam em pequenas gotas que se exteriorizam de sua superfície.

O termo “ficar em casa”, proposto pela Organização Mundial de Saúde no início de 2020, teve como objetivo único de preservar as vidas da população diante da expansão da pandemia do COVID-19, doença essa que, segundo a Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020), exige que se desenvolvam atividades de forma ágil, em redes de cooperações internas e externas, para a produção e divulgação de materiais para o enfrentamento da pandemia, cuja dinâmica de trabalho envolve a produção de informações, *dashboards*, análises, desenvolvimento de tecnologias e propostas voltadas para o enfrentamento da doença.

Sendo, assim toda a população Indígena da Aldeia Ipegue teve que entrar em quarentena e adaptar ao novo modo de viver. O povo Indígena que é acostumado no modo livre de viver teve que passar por mudanças.

Não podemos esquecer que a Educação Escolar Indígena surgiu durante a colonização, dessa forma, é preciso fazer análises sobre as relações de poder (QUIJANO, 2000) que estão envolvidas nesse processo. As culturas indígenas que sobreviveram ao processo de colonização e traduziram suas tradições, e, como aponta Laclau (2011, p. 105). Na verdade eles, sobreviveram “exatamente por terem mantido a sua diferença cultural e não terem se diluído no caldeirão da sociedade nacional.” (CAMARGO; ALBUQUERQUE, 2003, p. 343).

## **A questão educacional e o ensino remoto durante a pandemia**

O ano letivo no Brasil em 2020 deu início em fevereiro, e depois de um mês teve que suspender as aulas presenciais, devido ao novo corona vírus, o mundo teve que entrar em isolamento social, sendo essa a única maneira de tentar frear a contaminação do vírus.

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2021), estratégias foram adotadas diante da suspensão das atividades presenciais nas escolas. Entre elas foi a reorganização durante a pandemia das atividades pedagógicas nas diferentes redes de ensino. Com isso, devido à diversidade de medidas pedagógicas e sanitárias adotadas, é reconhecido que a pandemia impactou diretamente o pleno desenvolvimento das atividades escolares e da participação e aprendizagem dos alunos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) ao declarar a doença como uma pandemia, impôs em caráter emergencial medidas restritivas de circulação às pessoas, que acabaram afetando diretamente diversos setores em todo o mundo, entre os quais a Educação, sendo que

a imprevisibilidade da pandemia e a celeridade de implementação das medidas de distanciamento social demandaram dos sistemas educacionais alternativas para o desenvolvimento de atividades escolares remotas. Inexistia, até aquele momento, qualquer tipo de planejamento das redes de ensino para lidar com isso. Afinal, realizar atividades educacionais não presenciais exige dos professores e dos estudantes recursos tecnológicos e conhecimentos específicos para manejá-los (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020, p. 720).

Diante da pressão psicológica, os professores tiveram que buscar soluções para que seus alunos continuassem aprendendo mesmo de longe. As dificuldades continuam com a falta de equipamentos para a realização das aulas, a começar pela falta de uma boa internet e equipamentos necessários. Nesse sentido, os alunos também passaram por dificuldades, e muitos foram prejudicados por não possuir equipamentos ou acesso às redes de ensino virtuais.

Perante o cenário causado pela pandemia, que mudou completamente o cotidiano da sociedade, houve a necessidade de improvisações e adaptações nas instituições de ensino, foi introduzidas o ensino remoto. Existe uma diferença entre o ensino remoto e educação a distância, onde o ensino remoto é uma forma de ensino temporário e emergencial, que ficou acessível para dar continuidade às aulas e assim evitar e diminuir os prejuízos provocados pela

pandemia; já aulas de educação à distância são realizadas através de plataformas de ensino, e são muito comuns atualmente na educação privada.

### **Impasses na Educação Escolar Indígena no enfrentamento da pandemia**

Segundo Braga *et al.* (2021), as escolas indígenas estão distribuídas em todo território nacional, e oferecem uma variedade de características que refletem a diversidade e intersecção de culturas, onde são produzidas com o estar junto, com proximidades, com aulas em locais de retomadas territoriais, reconstruindo e renascendo em si mesmo, posto que:

A instituição escola, no contexto indígena, é um evento que faz funcionar à vontade, o impulso de realização das coisas, das ideias e desejos dos indivíduos e do grupo. Ao percebermos que a escola surge como um estranho no ninho na cultura da educação indígena constata-se que houve um movimento de renascimento e reconstrução da escolarização. Não foram os indígenas que se adaptaram à escola, mas sim a escola que precisou de novas estruturas para fazer sentido na cultura indígena (BRAGA *et al.*, 2021, p. 5).

A Educação Indígena é definida juridicamente pelo Parecer n. 14, de 1999, do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1999), como aquela Educação que diz respeito ao aprendizado de processos e valores de cada grupo, bem como aos padrões de relacionamento social introjetado na vivência cotidiana dos índios com suas comunidades. Sendo assim,

Para que a Educação Escolar Indígena seja realmente específica, diferenciada e adequada às peculiaridades culturais das comunidades indígenas, é necessário que os profissionais que atuam nas escolas pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar. É consenso que a clientela educacional indígena é melhor atendida por professores índios, que deverão ter acesso a cursos de formação inicial e continuada, especialmente planejados para o trato com as pedagogias indígenas. Embora não haja nenhum levantamento exaustivo, estima-se que mais de 2 mil professores índios estejam atualmente trabalhando em escolas localizadas no interior das terras indígenas. Em quase sua totalidade, esses professores não passaram pela formação convencional em magistério: dominam conhecimentos próprios da sua cultura e têm precário conhecimento da língua portuguesa e das demais áreas dos conteúdos considerados escolares. Em função disso é fundamental a elaboração de programas diferenciados de formação inicial e continuada de professores índios, visando à sua titulação que deve ocorrer em serviço e concomitantemente à sua própria escolarização, uma vez que boa parte do professorado indígena não possui a formação completa no Ensino Fundamental (BRASIL, 1999, p. 12).

Suárez Mutiz *et al.* (2021, p. 22) abordam em seus estudos que “a pandemia da Covid-19 tem demonstrado as profundas desigualdades da sociedade brasileira no enfrentamento dessa doença, sendo as populações indígenas as mais afetadas, dada a sua vulnerabilidade estrutural”. Essas desigualdades estão atreladas às condições de saúde, e frequentemente, tem

uma perspectiva de determinantes socioeconômicos, conforme corroboram Demenech *et al.* (2020, p. 9):

Os achados referentes à associação entre desigualdade econômica e infecção e morte por COVID-19 não parecem ser espúrios, oferecendo uma explicação plausível para as diferenças observadas na pandemia da COVID-19 entre os estados brasileiros. A desigualdade econômica pode ter impacto significativo na saúde das populações, para além do efeito da pobreza propriamente dita.

Costa, Trindade e Bezerra (2021, p. 4) apontam que “no Brasil, um dos campos que geraram constantes debates foi o da Educação, principalmente pela ausência de diretrizes objetivas por parte do Ministério da Educação (MEC), que dessem conta desse momento nunca vivido pelas instituições brasileiras de ensino”. Como alternativa para necessidade de distanciamento social e para prevenir e diminuir o contágio pelo vírus, as atividades de ensino presenciais foram suspensas em todo o país, sendo substituídas pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE). Dessa maneira, “o uso da tecnologia por meio do Ensino Emergencial a Distância (ERT) pode proporcionar a continuidade das aulas e a interface entre escolas, alunos e professores, diante desse novo paradigma educacional” (ANDRADE, SANTOS; RODRIGUES, 2022, p. 231).

No entanto, para a Educação Indígena, o pouco acesso às tecnologias digitais se caracteriza pela nítida desigualdade social. A respeito disso, Costa, Trindade e Bezerra (2021, p. 4) discorrem a preocupações do Ensino Emergencial a Distância (ERT):

Tal medida levantou diversas questões que expressam a preocupação com os gargalos existentes no Sistema de Ensino do Brasil, que envolve desde a falta de formação para o uso de tecnologias até o acesso à internet e às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), tanto por parte de professores (as) como de estudantes. Essas questões também foram discutidas no contexto da Educação Escolar Indígena, em que o acesso às TDICs e à internet ocorre de forma ainda mais delicada, o que por vezes implica em um processo de ensino-aprendizagem bastante desigual e deficitário nos territórios indígenas.

Nesse aspecto, Andrade, Santos e Rodrigues (2022) apontam que durante a fase de pandemia, questionamentos surgiram sobre a educação escolar indígena, considerando que muitos professores tiveram que se redescobrir e se reinventar em tempo recorde para enfrentar as limitações estruturais das escolas, bem como capacitarem-se para o uso da tecnologia, conforme relatam:

Professores que trabalham na educação escolar indígena, em sua maioria, indígenas, tiveram que abandonar as práticas tradicionais de ensino e, em muitos casos, trabalhar com outras composições de ensino para dar continuidade ao ano letivo durante a pandemia. Muitos destes já conheciam ou ouviram falar sobre o ensino por meio de ferramentas tecnológicas, mas para a grande maioria dos professores indígenas, o Ensino Remoto Emergencial estava longe de sua proposta de ensinar na aldeia (ANDRADE; SANTOS; RODRIGUES, 2022, p. 233).

Lima e Santos (2022, p. 231) destacam que as desigualdades ganham contorno acentuado quando se considera a situação de grupos sociais e as formas de organização escolar diferenciadas, como é o caso das escolas indígenas. Na escola Indígena Feliciano Pio, em tempo de pandemia os alunos recebiam as atividades impressas, com conteúdos de forma resumida, os alunos não tinham explicações do professor como em sala de aula, e muitos encontravam dificuldades em elaborar suas atividades. Mas muitos contavam com ajuda dos seus pais para elaborar suas atividades.

## METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se de abordagem qualitativa.

Knechtel (2014) *apud* Conjo, Chichango e Paula e Souza (2022, p. 38) discorre que a pesquisa qualitativa,

busca entender fenômenos humanos, buscando de eles obter uma visão detalhada e complexa por meio de uma análise científica do pesquisador. Esse tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais. É uma análise relacionada também à subjetividade, que leva em consideração as motivações, crenças, valores e representações encontradas nas relações sociais.

“O intuito da pesquisa qualitativa é “obter informações através dos atores, um fenômeno que pode ser compreendido a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995. p. 21).

Foi aplicado nesta pesquisa um questionário virtual de 14 questões de múltiplas escolhas, e apenas 1 questão dissertativa, de caráter voluntário e anônimo, dirigido a alunos indígenas da rede pública de ensino da Aldeia Ipegue . Os dados puderam ser analisados qualitativamente pelas respostas coletadas pelo *Google Forms*. Desta forma, o trabalho teceu um olhar crítico acerca dos desafios pelos alunos durante o ensino remoto, bem como o uso das tecnologias digitais durante a pandemia.

Das dificuldades enfrentados por eles, e através dos dados levantados foi observado a dificuldades enfrentados por esses alunos, devido a pandemia da covid-19.

## DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A amostra consta de respostas obtidas pelo questionário aplicado pelo *Google Forms*, dadas pelos alunos do Ensino Fundamental, da escola indígena Feliciano Pio, da Aldeia Ipegue, situado no município de Aquidauana, Estado do Mato Grosso do Sul. A pesquisa indica as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no ensino remoto durante o período da pandemia do COVID-19.

A amostra se deu com 16 alunos respondentes entre 12 e 15 anos, de ambos os sexos. As respostas que mais chamaram a atenção foram aquelas que abordavam questionamentos sobre se o aluno possui acesso à internet; a forma do acesso ao ensino remoto; se houve disponibilidade de cronograma de aula por parte do professor; como se deu o envio das atividades durante a pandemia; e se o aluno se sentiu estressado durante o período que houve o ensino remoto.

Sobre a questão levantada do acesso da internet pelo aluno, pode-se verificar que a grande maioria dos entrevistados a possui, apesar de que alguns relataram não possuir acesso aos meios digitais.

Acredita-se que essa resposta mostra que há uma grande desigualdade social no Brasil entre escolas particulares e de ensino público, principalmente aquelas de locais remotos como as de zonas rurais. O acesso à internet ainda não é uma forma igualitária e estendida a todos, e em muitos locais o sinal é péssimo. Muitos alunos possuem celular, mas a qualidade do serviço de telefonia ainda é inadequada, e não supre as necessidades educacionais.

Corroborando a esse pensamento, a próxima questão abordou justamente a forma de acesso à internet mais utilizada, onde todos os entrevistados relataram o uso pelo celular, o que caracteriza que o acesso às redes móveis é a mais utilizada. No entanto, conforme dito anteriormente, devido às falhas constantes no acesso de uma internet com qualidade, o uso das tecnologias digitais era insuficiente para que pudessem acompanhar as aulas remotas, assistir aulas gravadas e ao vivo, assim como acesso aos conteúdos pedagógicos de forma virtual.

Outra questão a ser observada é o celular, que é o dispositivo que a grande maioria dos alunos possui, ou foram adquiridos durante a pandemia, sendo possivelmente utilizado por outros membros do núcleo familiar. Isso caracteriza também uma grande desigualdade social, uma vez que muitas famílias economicamente mais pobres não têm condições de adquirir um notebook ou computador, e muito menos colocar uma rede *wi-fi* em casa.

Uma das grandes barreiras no ensino remoto com certeza foi o acesso à conectividade, o que aponta uma grande exclusão social, desencadeando em muitos casos, em desmotivação e evasão escolar.

Na sequência, notou-se que boa parte dos relatos dos entrevistados mostrou que o professor não pode fazer um cronograma de aulas, já que a pandemia surgiu de uma forma muito rápida e surpreendente, onde as escolas não estavam preparadas para apresentar alternativas de ensino em substituição às aquelas presenciais. A falta de preparo até dos professores em ministrar aulas remotas, desencadeou em um grande desafio no ensino, dificultando a mediação com os alunos.

Nas aulas remotas, os alunos têm que possuir autodisciplina e dedicação, e tais habilidades não são adquiridas de forma rápida, principalmente quando estão acostumados ao mesmo tipo de ensino, o caso o presencial, contando sempre com a ajuda pedagógica de professores e equipe escolar. Da mesma maneira, o professor, no ensino remoto, precisa se dedicar mais no planejamento das aulas, e na falta desse planejamento, a execução das atividades fica dificultada, além do acesso à informação, que em muitos casos, é escasso também para o professor.

Outro ponto importante observado nas respostas dos entrevistados foi que a forma mais fácil e que atenderia todos os alunos de forma igualitária no ensino remoto foi a elaboração de materiais das disciplinas impressos, onde os pais ou responsáveis se mobilizaram até a escola, buscavam esses materiais e entregavam aos filhos em casa para que as tarefas pudessem ser realizadas e devolvidas no final do período disponibilizado para o fechamento das notas. Muitos alunos tiveram a ajuda dos familiares para a realização das atividades, o que minimizou a perda educacional, e pode manter os alunos ativos e participativos durante o ensino remoto.

Contudo, ainda se observa grande maioria dos relatos, que o período pandêmico causou muito estresse aos alunos, já que não estavam habituados a estudarem remotamente, sem professores para ensinar, e sem frequentarem um local onde pudessem tirar suas dúvidas pedagógicas. Acredita-se que muitos alunos se sentiram desestimulados por esse sistema de ensino, pois muitos não possuem acesso aos meios digitais devidas às constantes falhas no sinal de internet, o que caracteriza ainda a uma grande precariedade tecnológica em muitas regiões do país, dificultando, para muito, o processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se que as metodologias de ensino precisam acompanhar a evolução tecnológica, já que a educação deve preparar pessoas para serem criativas e proativas, e que

possam desenvolver atividades cada vez mais complexas, sendo capazes de tomar decisões, e apresentar resultados satisfatórios em todos os projetos de vida.

## CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, pode-se afirmar pelos relatos, que o período pandêmico pegou muitos alunos de surpresa, assim como os professores, que não estavam preparados para enfrentar o ensino remotamente.

Percebeu-se que foram grandes as dificuldades no ensino durante o período da pandemia do COVID-19. A que mais chamou a atenção pelos relatos, é que apesar da maioria ter acesso a internet no celular, o sinal é de baixa qualidade, o que expôs uma grande precariedade de acesso aos meios digitais, impedindo o desenvolvimento de atividades que favorecessem o ensino pelos meios digitais (como aulas virtuais, acesso às plataformas de ensino, envio de atividades feitas no caderno e digitalizadas para envio pelo WhatsApp, entre outras).

Observou-se assim, que a solução para o problema da falta de infra-estrutura educacional frente às mudanças educacionais por conta do distanciamento social, foi fazer as adaptações de acordo com os recursos disponíveis tanto para professores quanto para os alunos. Por isso, pode-se analisar pela pesquisa que os materiais foram impressos na escola, e disponibilizados aos responsáveis para serem realizadas em casa pelos alunos, devendo eles devolverem as atividades feitas ao final do período correspondente das aulas (mensal ou bimestral), enquanto novas atividades eram preparadas para os próximos períodos.

Assim, percebe-se que, mesmo em meio aos recursos digitais, ainda existe muita dificuldade na implantação de ensino à distância, devido à falta desses materiais. Acredita-se que o processo de melhoria da Educação precisa ser contínuo, e mesmo com o término da pandemia, a Educação precisa ser mediada pelas atuais tecnologias, numa forma democrática de direitos, estendida a todos, e de forma igualitária.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joana D’Arc Alves Paes; SANTOS, Jocyléia Santana dos Santos; RODRIGUES, Rodrigo Gouveia. A educação escolar indígena no contexto da pandemia: desafios atuais e perspectivas futuras. **Revista Humanidades e Inovação**, v.9, n. 22, Palmas – TO, 2022.

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, supl.1, p. 2423-2446, 2020.

BRAGA, Ana Cláudia Vieira *et al.* Pandemia e escolarização indígena: o enfrentamento da evasão escolar indígena pós-pandemia com o apoio da educação mediada pelas tecnologias. **Em Rede – Revista de Educação a Distância**, v. 8, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/692/623>. Acesso em: 03 maio 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer 14/1999**. Brasília: CNE, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de vigilância epidemiológica emergência de saúde pública de importância nacional pela doença pelo coronavírus 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/guia-de-vigilancia-epidemiologica-covid-19/view>. Acesso em: 03 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica Ideb 2021**. Nota Informativa do IDEB 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 12 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Imprensa Nacional. **Medida Provisória n. 934, de 1º de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 13 maio 2023.

CONJO, Manuel Pastor Francisco; CHICHANGO David Benjamim; PAULA e SOUZA, Paulo de. Metodologia de investigação científica aplicada à gestão ambiental: um estudo

sobre as abordagens qualitativa e quantitativa. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 1, jan., 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3722/1447>. Acesso em: 12 maio 2023.

COSTA, D. M.; TRINDADE, J. S.; BEZERRA, L. C. Educação escolar indígena e pandemia da Covid-19: percepções de uma professora da “Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu”. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 1-24, 2022.

DEMENECH, Lauro Miranda *et al.* Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v. 23, e: 200095, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/fm3gkNqTH9XS9nBfqcGwgfG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2023.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 16 maio 2023.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas. **Terra Indígena Taunay-Ipegue**. Ficha Técnica, 2023. Disponível em: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/experiencias-em-gestao/terra-indigena-taunay/>. Acesso em: 13 maio 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KARSTEN, Marlus; MATTE, Darlan Laurício; ANDRADE, Flávio Maciel Dias de. A pandemia da COVID-19 trouxe desafios e novas possibilidades para a Fisioterapia no Brasil: estamos preparados? **Rev. Pesqui. Fisioter.**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 142-145, maio, 2020.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 7, e00177020, 2020.

LIMA, Márcio Alexandre Barbosa; SANTOS, Robson dos. Impactos da pandemia na educação escolar indígena. **Caderno de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 7, 2022. Disponível em: <http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5576/4205>. Acesso em: 17 mai. 2023.

OLIVEIRA, R. G. *et al.* Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 9, p. 1-14. 2020.

OLIVEIRA, D. A. PEREIRA JÚNIOR, E. A. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez., 2020. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212/pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

CAMARGO,D.M.P.;ALBUQUERQUE,J.G. projeto pedagógico xavante: tensões e rupturas na intensidade da construção curricular. Cadernos Cedes, Campinas, v.23, n.61,p.338-66, dez. 2003.

SUÁREZ-MUTIS, Martha Cecilia *et al.* Desigualdade social e vulnerabilidade dos povos indígenas no enfrentamento da Covid-19: um olhar dos atores nas lives. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, n. especial 2, p. 21-42, dez. 2021.